INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

CARLOS DANILO DE ARAÚJO SANTOS

BIOÉTICA:

RESPOSTA PARA OS DESAFIOS DOS TEMPOS HODIERNOS?

Teresina
2014

CARLOS DANILO DE ARAÚJO SANTOS

BIOÉTICA:

RESPOSTA PARA OS DESAFIOS DOS TEMPOS HODIERNOS?

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Pe. Osório Teixeira Neto.

f. 38

Cod. 5845
100
S237b
Ex. 01

Teresina
2014

ICESPI - BIBLIOTECA
13116 14/10/19

CARLOS DANILO DE ARAÚJO SANTOS

BIOÉTICA:

RESPOSTA PARA OS DESAFIOS DOS TEMPOS HODIERNOS?

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Pe. Osório Teixeira Neto.

Conceito:_____

Teresina, ____ de _____ de 2014

_____

ORIENTADOR

_____

1ºLEITOR

_____

2ºLEITOR

RESUMO

A bioética tem sido hoje uma das áreas geradoras de conflitos em vários campos da ciência. Num mundo cada vez mais subjetivista e egocêntrico, ela põe limites e reflexões necessárias para que o agir científico passe de um mero expansionismo para algo que defende e promove a vida. Nesse trabalho, nosso foco foi o início e o fim da vida, duas situações em que pontos de vista se divergem e causam conflitos constantes entre religiosos, cientistas, políticos e afeta a sociedade de modo geral – aborto e eutanásia. No presente texto tentamos fornecer reflexões que busquem a defesa da vida humana e o surgimento dessa ética da vida.

Palavras chave: *Bioética, Aborto, Eutanásia, Vida, Igreja Católica.*

ABSTRACT

Bioethics today has been one of the areas that generate conflicts in various fields of science. In a world increasingly egocentric subjectivist, it puts limits and considerations necessary for scientific action pass for a mere expansionism something that defends and promotes life. In this work, our focus was the beginning and the end of life, two situations in which views are diverging and cause constant political conflicts between religious, scientists , and affects society in general - abortion and euthanasia. In this paper we try to provide reflections that aim to protect human life and the emergence of this ethic of life.

Keywords: Bioethics. Abortion. Euthanasia. Life. Catholic Church.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....07

2. O QUE É BIOÉTICA?.....09

3. O RESPEITO À VIDA HUMANA.....14

4. BIOÉTICA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.....20

4.1 Aborto - o valor da vida nascente.....20

4.2 Eutanásia - o valor da vida humana na sua fase terminal.....28

4.2.1 A Mistanásia.....34

4.2.2 A Distanásia.....34

4.2.3 A Ortotanásia.....35

5. CONCLUSÃO.....36

6. BIBLIOGRAFIA.....39

7. ANEXOS.....42

7.1 Direitos Humanos.....42

7.2 Aborto.....42

1- INTRODUÇÃO

A bioética completou, a pouco, trinta anos de existência e vem sendo considerada uma história de sucesso e de acirradas discussões, com um crescimento espantoso em muitos quadrantes do globo. Van Reusselaer Potter é considerado pelos estudiosos o pai da bioética, afinal Potter foi quem cunhou o neologismo *bioethics* nos Estados Unidos e que depois se espalhou pelo mundo inteiro.

Agora, por que falar de boética? Por que usar de assuntos como aborto e eutanásia dentro da filosofia? Isso realmente faz parte do campo filosófico? Estas e outras perguntas foram nos questionadas no inicio deste trabalho. Mas falamos de bioética por ser um assunto atual e causa de muitas reflexões que nos fazem imergir no misterioso mundo da pessoa humana. O campo da bioética é também um campo filosófico, afinal vale lembrar do caráter interdisciplinar que contém a filosofia. Quem fala de bioética tem que refletir e refletir sobre aspectos sociais, antropológicos, teológicos, enfim, o ato de refletir é tornar presente à condição de filosofar.

Pensar para onde a ciência caminha é filosofar! Pensar nos avanços biotecnológicos, é filosofar! Portanto a filosofia está mais que presente, ela contribui para um bom desempenho das conclusões científicas, livrando tais conclusões de serem ideológicas. Ainda sobre as questões propostas poderíamos refletir até onde pode ir a liberdade humana. Até onde eu posso ir sem interferir na liberdade do outro? Essas são questões que nos tocam ao pensar sobre a problemática do aborto e da eutanásia.

A bioética não surgiu do nada, nem de um momento para outro. Ainda que ela tenha assumido características muito próprias, ela só seria devidamente compreendida à luz de todo um processo histórico no qual os seres humanos foram buscando os fundamentos de sua própria humanidade.

Ao desenvolver este tema totalmente contemporâneo procuramos, neste trabalho, buscar pontos de vista diferentes nos campos da filosofia, teologia, antropologia e do direito e fazer as devidas relações entre estas muitas formas de saber.

O tema: "Bioética, resposta aos desafios dos tempos hodiernos?" é, de qualquer maneira, um "campo minado" para o nosso pensamento, pois nos confrontamos com

opiniões adversas e que também estas, possuem argumentos sólidos para um presente choque de idéias.

Os enormes avanços da ciência têm permitido um aumento na experiência e na qualidade de vida de homens e mulheres em todo o mundo. No entanto parecem mostrar que nem sempre esses novos conhecimentos científicos estão sendo utilizados de forma condizente com a dignidade e o valor da pessoa e da vida humana em todos os seus estágios.

Outra questão que nos fez aderir a bioética foi o anseio de respostas para a defesa da vida humana, que na nossa sociedade, tende a ser descaracterizada e a se tornar fonte de despreocupação por parte dos poderes públicos. As três dimensões do ser humano: objetividade (eu e outro), subjetividade (eu) e transcendência (eu e Deus) estão sendo rejeitadas pela cultura pós-moderna, portanto, se alguma cultura rejeita, qualquer que seja dessas dimensões, está rejeitando a importante formação do homem todo.

Neste pequeno trabalho, escolhemos como foco de nossos trabalhos, alguns desafios contemporâneos da bioética, a problemática do aborto e da eutanásia, temas vastos e que são admitidos argumentos de várias ordens.

2- O QUE É BIOÉTICA?

A primeira vista parece que as questões relativas a bioética interessam exclusivamente a profissionais da área de saúde e a cientistas. Mas tal impressão é errônea.

Os assuntos de bioética são importantes para todas as pessoas "porque cientistas e profissionais da saúde existem para 'atender' as necessidades das pessoas"(OLIVEIRA, 1997, p.59); todos, portanto, têm o direito de conhecer bem os procedimentos e o grande risco, é então, fazer sua escolha. Enfim, todas as pessoas tem o direito de decidir e principalmente de defender a vida humana e é por saber que a nossa dignidade pode esta ameaçada que este assunto também se torna importante para todos nós.

A Bioética é uma disciplina nova, e que se impõe com a necessidade de pensar sobre o avanço, principalmente, das ciências médicas. Ela é uma disciplina que faz uma relação entre as ciências da vida e a ética, procurando valorizar o ser humano promovendo sua dignidade.

Durante cerca de 2.500 anos, os médicos e outros profissionais da saúde seguiram uma ética baseada nos ensinamentos pitagóricos da escola de Hipócrates, consubstanciada num famoso "Juramento", pelo qual, invocando os deuses gregos, o médico originalmente comprometia-se a apoiar e atender seus mestres, guardar segredos, não fazer o mal, não provocar aborto nem eutanásia, não executar cirurgias e não seduzir pacientes de qualquer sexo... Prometia também buscar o bem de seus pacientes, de acordo com seu julgamento e suas capacidades. Isso vigorou no ocidente até o início do século XIX, quando Thomas Percival, médico britânico, codificou a ética médica, inaugurando vasta tradição nos países de língua inglesa dos dois lados do Atlântico.

> Embora utilizada, tal ética se manteve na linha da beneficência e da não-maleficência, sempre dependendo do juízo subjetivo do portador dos conhecimentos médicos, numa atitude paternalista, fosse ela individual ou corporativa. (VALLS, 2004, p. 136-137)

No século XX, porém, após a segunda guerra mundial, o julgamento de Nuremberg condenou vários médicos, inclusive a morte, por experiências criminosas com prisioneiros de campo de concentração. Foi exatamente com o código de Nuremberg que iniciou um dos princípios da bioética que é o da autonomia do paciente ou seja, só pode ser feita pesquisa

com seres humanos com a permissão destes, adiante veremos sobre estes princípios. "Além das atrocidades, tais médicos prestaram um grande desserviço á medicina, com suas políticas de manipulação de seres humanos em sádicas experiências sem significado científico e sem utilidade, com extermínio puro e simples sob a rubrica de 'eutanásia'" (VALLS, 2004, p. 136) e com uma mentalidade racista que infeccionou toda forma de eugenia.

> Ao longo dos séculos , questões clássicas como aborto, eutanásia, drogas e pena de morte envolveram moralistas das diversas religiões e cada vez mais também os pensadores seculares das diversas correntes filosóficas, como a aristotélica, a kantiana, a utilitarista e a liberal (VALLS, 2004, p. 137).

Os filósofos desenvolveram também seus tratados de ética aplicada, ou ética prática mas sempre restritos a temas teológicos ou filosóficos.

Para aprofundarmos este estudo da dignidade da vida humana, temos inicialmente a necessidade de saber o que é bioética, quando ela surgiu e quais são seus efeitos.

Van Reusselaer Potter foi quem cunhou o neologismo *bioética*, por isso poderíamos chamá-lo de "pai da bioética". Ele definiu a bioética como sendo "a ciência da sobrevivência humana," (PESSINI, 2006, p.20) isso ocorre em 1970. Etimologicamente a palavra bioética é formada por dois vocábulos gregos *bios* (vida) e *ética* (costumes; valores relativos a determinado agrupamento social, em algum momento de sua história), portanto: ética da vida.

"A bioética abarca a ética médica , porém não se limita a ela" (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.32). A ética médica em seu sentido tradicional trata dos problemas relacionados com valores surgidos na relação entre médico e paciente.

As dimensões morais examinadas na bioética estão constantemente evoluindo, mas tendem a enfocar várias questões maiores: Qual é (ou deve ser) a visão moral da pessoa (ou da sociedade)? Que tipo de pessoa devemos ser, ou que tipo de sociedade devemos construir? O que deve ser feito em situações específicas? Como vivermos harmoniosamente?

Trata-se de um novo estudo, de uma nova reflexão, de um novo perfil de pesquisa, em evolução acelerada, em processo constante de descoberta de novos métodos e em aprofundamento contínuo com problemas inesperados.

A bioética está resgatando os fundamentos humanos, que ora encontram-se perdidos pois não é unicamente a nossa corporeidade que nos dá dignidade, é preciso penetrar no misterioso mundo da pessoa humana, esse é o convite que a bioética faz a ciência. A bioética veio para por limites onde à ciência pensa não os ter e para dialogar com categorias novas e ver quais os avanços e os retrocessos trazidos em conseqüência destas pesquisas.

A vida é a maior preocupação da bioética. "Tudo que é vida lhe compete" (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 1996, p. 30). Como nesta sociedade hodierna o objeto maior de pesquisa é a vida, a bioética surgiu como fruto desta sociedade do bem-estar pós-industrial e da expansão dos direitos humanos que marcaram a transição do estado de direito para o estado de justiça.

> Já não se trata só do direito individual e negativo a saúde, nem do direito à assistência sanitária, mas também, das obrigações de uma justa macrobioética da responsabilidade frente à vida ameaçada (crescimento populacional, genoma, catástrofe ecológica, energia nuclear) e dos direitos das futuras gerações (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 1996, p. 30).

O objetivo geral da bioética é a busca de benefícios e da garantia da integridade do ser humano tendo como fio condutor o princípio básico da defesa da dignidade humana. Considera-se ético o que, além de bom, é o melhor para o ser humano e a humanidade em um dado momento.

A bioética era inicialmente um movimento social que lutava pela ética nas ciências biológicas e áreas correlatas, "hoje é também uma disciplina norteadora de teorias para o biodireito" (OLIVEIRA, 1997, p. 48) e para a legislação, com a finalidade de assegurar mais humanismo nas ações do cotidiano das práticas médicas e nas experimentações científicas que utilizam seres humanos. "Isso confere a bioética a peculiaridade de ser ao mesmo tempo, reflexão e ação sobre as questões do presente e as perspectivas do futuro" (OLIVEIRA, 1997, p. 48).

Durante muitos séculos a medicina pensou que nenhum de seus membros seria capaz de ferir o juramento de Hipócrates, mas após a segunda guerra mundial os países vencedores da guerra no caso: Estados Unidos, ex- URSS e Inglaterra, decidiram analisar com minunciosidade as denúncias que existiam contra o Japão e a Alemanha, as quais alegavam que estes países, tinham feito experiências em seres humanos prisioneiros de

guerra, desde estas denúncias começou a surgir dentro da própria medicina, regras que limitariam a ciência como é o caso do código de Nuremberg, por isso, acreditamos que tal código precede a bioética como tal.

Na busca de garantir a dignidade humana e defendê-la, conforme as circunstâncias, a bioética trabalha com referenciais práticos do que se considera uma conduta ética em relação à vida.

A bioética também não age por acaso, esta tem seus princípios. Temos três princípios fundamentais da bioética":

1º- *Princípio da universalização*: Todos devem ter acesso aos benefícios da ciência, por exemplo: o transplante de córnea deve ser direito de todos os cidadãos que precisam deste órgão. Outro exemplo: todos devem ter direito a tratamento dentário. Ou seja, para a bioética deve haver essa universalização de direitos para que nada fique restrito a práticas oligárquicas e/ou sectárias.

2º- *Autonomia do paciente:* Os médicos devem ouvir o paciente, este pode ter todo o direito de não querer fazer uma determinada cirurgia por exemplo, cabe ao paciente dizer se quer fazer ou não um transplante de rins ou participar de alguma experimentação científica.

3º- *Princípio do bem maior:* São decisões tomadas pelo médico mas sempre em benefício do paciente. Geralmente quando o paciente não pode responder por si e a família não está presente no local sendo que o caso é de extrema urgência.

Alguns estudiosos classificam a bioética em duas linhas: a laica e a religiosa. "A bioética laica adota a autonomia ou o respeito à pessoa humana como um princípio fundamental, a beneficência e a justiça, que constituem a chamada *trindade da bioética*" (OLIVEIRA, 1997, p.55). Essa trindade da bioética foi iniciada em 1974 com o Congresso Norte-americano que pediu um estudo completo que identificasse os princípios médicos básicos que deveriam nortear a experimentação em seres humanos na ciências do comportamento e na biomedicina. Esses pesquisadores demoraram quatro longos anos para publicarem o que ficou conhecido como *Relatório Belmont,* por ter sido realizada no Centro de Convenções Belmont em Elkridge no Estado de Mariland. Comentaremos brevemente os princípios (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 1996, p. 51):

1. *O respeito pela pessoa humana* incorpora pelo menos duas convicções éticas: 1) que as pessoas deveriam ser tratadas como entes autônomos; 2) as pessoas cuja autonomia está diminuída devem ser objetos de proteção.
2. *O segundo princípio é o da beneficência* que formula-se em duas regras: a) não causar dano; b) maximizar os benefícios e minimizar os possíveis riscos.
3. *O terceiro é o princípio da justiça* que deve ser tido como a imparcialidade na distribuição dos riscos e benefícios; outra forma de entender o princípio de justiça é dizer que "os iguais devem ser tratados igualmente". neste particular a comissão não deixou nada claro.

A bioética religiosa acrescenta a sacralidade e a natureza da vida humana; o ser humano senhor da Natureza; as relações ser humano X Natureza; o respeito à totalidade...

Mas nestas duas linhas podemos dizer que existem princípios laicos e religiosos que foram estabelecidos durante o processo de formação dos grupos e centros de estudos de bioética.

Os atentados contra a vida se multiplicam (a olhos vistos). A sacralidade e a inviolabilidade da vida humana encontram-se sob crescentes ameaças oriundas não só da biociência e da biotecnologia, uma das especialidades que conheceu durante o último século progresso dos mais notáveis, mas também e principalmente dos graves problemas e desequilíbrios sociais, decorrentes da indigência, da pobreza, da subalimentação, da ignorância, do consumo de drogas e mesmo da falta dos benefícios da tecnociência.

No próximo capítulo do nosso trabalho trataremos do respeito à vida humana que é fundamental para o estudo da bioética, afinal, é entorno da vida que gira o estudo da bioética.

3- O RESPEITO À VIDA HUMANA

Na sociedade contemporânea é comum observar nos meios de comunicação de massa os freqüentes abusos a vida do ser humano. Esta vida humana é constantemente violada, atacada e difamada, e justamente pelo ser humano que, obviamente, dispõe dela. "A cultura de massa especializou-se em oferecer produtos cuja principal marca é a superficialidade, juntamente com uma certa retórica de vulgaridade" (INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL, 2006, p. 133).

A vida humana nunca foi tão ameaçada como agora, no que diz respeito a sua dignidade. A desvalorização da vida está se tornando cada vez maior. È preciso respeitar e preservar a vida humana. Escutamos dois tipos básicos de discurso: o discurso ecológico que prega a preservação da natureza, segundo alguns biólogos se continuarmos nesta situação o mundo está caminhando a passos largos para uma catástrofe ambiental e o outro tipo de discurso é o discurso das igrejas que diz, sem discriminar o lado ambiental (a igreja católica por exemplo, ultimamente tem falado muito a respeito da biodiversidade), visam mais à criatura humana e o respeito a sua vida.

O termo "vida" tem uma complexidade imensa, ao abrangermos este termo, podemos falar de dois tipos de vida: a vida vegetal e a vida animal, neste tópico abrangeremos a vida animal e mais objetivamente a vida humana. Esta vida é composta de vários aspectos dentre os quais podemos citar o aspecto social, os aspectos: antropológico, filosófico, teológico, jurídico dentre outros, neste trabalho abrangeremos estes aspectos que estão citados.

O maior bem que possuímos é a vida, ela deve ser respeitada em sua integridade, prova disso é que ela é tema de várias conferências, está presente nas constituições de quase todos os países como um bem a ser preservado, é defendida na Declaração Universal dos Direitos Humanos e para os cristãos, é o maior dom dado pelo Divino Criador. "O direito a vida é o direito supremo e mais elementar de uma pessoa". (POWELL, 2006, p. 163)

O mercado coloniza o mundo da vida, reduzindo não somente os espaços da gratuidade, tudo calculando em função da conveniência e da utilidade, "mas restringindo a própria abertura da razão, que passou a ignorar a busca da felicidade e dos significados,

aplicando-se à produção do lucro e do poder". (INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL, 2006, p. 136)

"A biologia e a medicina, em suas aplicações, concorrem para o bem integral da vida humana quando vem em favor da pessoa atingida pela doença e enfermidade, no respeito a sua dignidade". (CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ, p.14) Nenhum biólogo ou médico pode razoavelmente pretender, por força da sua competência científica, decidir sobre a origem e o destino dos homens

Conceitualmente falando, vida "é o conjunto de propriedades e qualidades graças as quais animais e plantas se mantêm em contínua atividade; existência"(FERREIRA, 2001, p. 710). Porém é só isso?. Somos bem mais do que este simples conceito, somos misteriosos, cada um possui determinadas características dentro de si as quais apenas ele é conhecedor, somos inigualáveis, somos únicos.

Para falar do respeito à vida humana é também preciso lembrar do corpo e do respeito ao corpo, devemos entender o homem, não apenas como matéria, não somos único e exclusivamente esta massa corpórea que nos dá características biodiversas, o corpo humano não pode ser considerado apenas como um conjunto de tecidos, órgãos e funções, simplesmente como substância física. Na atualidade o corpo humano vem sendo tratado desta forma, é causa de banalização e lamentavelmente tendo um caráter individualista – o corpo é meu, eu faço o que eu quero!

Não podemos fazer com o nosso corpo o que queremos, é próprio da natureza humana a autopreservação, por isso o nosso corpo, que é exatamente por onde nos manifestamos, comunicamos e sentimos tem de ser preservado e não pode ser tratado a nosso bel prazer. Porém o corpo humano também não pode ser avaliado com o mesmo critério do corpo dos animais. "Ele é parte constitutiva da pessoa que através dele se manifesta e se exprime"(CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, p.12). Toda pessoa humana na sua singularidade irrepetível, não é constituída apenas pelo espírito mas também pelo corpo; assim, "no corpo e através do corpo atinge-se a pessoa mesma, na sua realidade concreta"(JOÃO PAULO II, 1983, p.2).

Trazemos também conosco uma "misteriosa realidade de valor que nenhuma ciência poderia inventar" (CERQUEIRA, 2005, p.47), somos seres únicos, cada um é cada um, e se a vida de um ser humano é violada, não se fabrica outra, não se conseguirá jamais em

nenhum laboratório do mundo, por mais avançado que seja, produzir uma vida como aquela que foi violada, o laboratório poderá revelar tudo o que somos do ponto de vista biofísico e bioquímico, mas "nunca terá condições científicas de revelar o que seja uma pessoa, um valor, pois estes conceitos foram construídos lentamente pelas tradições filosófica, ética, religiosa, jurídica etc..."(PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.70) o homem jamais poderá ser substituído!

Para entendermos e respeitarmos a vida humana, temos também, que saber o que significa "pessoa". De onde vem esta expressão? Qual é a sua força? "È possível, enfim, falar de dignidade e de respeito sem apelar para a pessoa?" (VALLS, 2004, p.128). Estas perguntas (são aparentemente simples, porém) nos exigem um raciocínio amplo para que possam ser respondidas. "Na prática, é perfeitamente possível respeitar uma pessoa mesmo sem saber justificar racionalmente, com ajuda dos conceitos da história da filosofia, o porquê desta atitude..." (VALLS, 2004, p.128).

No teatro antigo, mas especificamente na Grécia existiam as máscaras, "o som da voz saía pela boca da máscara daí *'per-sona'*" (MONDIN, 1980, p.291) – "pessoa"[1]

O conceito de pessoa é muito presente nas religiões de maneira particular no cristianismo – *imagem e semelhança do Criador* – (*Imago Dei*) portanto, "quando abstrairmos totalmente este conceito dos contextos religiosos, parece bem mais difícil de fundamentar esta moral do respeito e da dignidade da pessoa"(VALLS, 2004, p.130).

A mensagem fundamental da sagrada escritura anuncia que a pessoa humana é criatura de Deus (cf. Sl 139, 14 -18) e identifica o elemento que a caracteriza e distingue no seu ser à imagem de Deus: "Deus criou o homem à sua imagem, a imagem ele o criou, homem e mulher os criou" (Gn 1, 27). "Deus põe a criatura no centro e no vértice da

---

[1] O historiador Zeller observa que em grego falta até mesmo o termo para exprimir a personalidade. "*persona*" é a palavra da língua latina, na qual até o advento do cristianismo, se designava máscara que permitia ao ator ampliar a sua voz (*personare*) e comunicar-se com a assembléia, e ao mesmo tempo denotava determinado papel na ação teatral (o de Júpiter, o de Édipo, e de Clitemnestra etc)
Não se tem informações exatas de quem afirmou que o novo uso do termo *persona* teria sido introduzido por Sêneca. Mas a nosso ver, esta é uma hipótese duvidosa. De fato, normalmente neste autor o termo *persona* tem o significado de máscara. Eis alguns textos em que o termo é assim usado: *"Malit habere personam quem faciem*" (Prefere a máscara ao próprio rosto) *(De benef.II*, 13,2)."*Hanc personam induisti: agenda est*" (puseste esta máscara; exerce o teu papel) (*De clem.* 1, 1, 6). De tal uso se deve concluir que em Sêneca o termo *persona* não perdeu ainda o seu significado originário, literal, para ser assumido como símbolo do que há de mais perfeito, profundo, característico no homem. Enquanto, pois, é verdade que Sêneca tem conceito altíssimo do homem como indivíduo particular, ele não se vale do termo pessoa para dar expressão a essa concepção, mas de um conjunto de termos descritivos de várias perfeições.

criação: no homem (em hebraico 'Adam'), plasmado com a terra ('adamah'), Deus insufla pelas narinas o hálito da vida (Cf. Gn 2,7)" (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2005, p.72). Portanto:

> Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas uma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor, que ninguém pode dar em seu lugar (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p.357).

"O homem foi criado por Deus como unidade de alma e corpo" (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2005, p.75). A alma espiritual e imortal é o principio de unidade do ser humano, é aquilo pelo qual este existe como um todo – "*corpore et animas unus*" - enquanto pessoa.

Para aprofundar mais ainda nosso conceito de pessoa podemos observar a etimologia da palavra, que vem do grego - προσοπον (prosopon) e do latim, persona (como vimos anteriormente). No sentido mais comum do termo: "o homem em suas relações com o mundo ou consigo mesmo. No sentido mais geral: um sujeito de relações" (ABBAGNANO, 1970, p.730).

À pessoa humana pertence à abertura à transcendência: o homem é aberto ao infinito e a todos os seres criados. É aberto antes de tudo ao infinito, isto é, a Deus, porque com a sua inteligência e a sua vontade se eleva acima de toda a criação de si mesmo, torna-se independente das criaturas , "é livre perante todas as coisas criadas e tende à verdade e ao bem absoluto. A pessoa humana há de ser sempre compreendida na sua irrepetível e ineliminável singularidade" (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2005, p.82).

No antigo Império Romano o cidadão era consciente do valor que tinha – ser cidadão e ser pessoa equivaliam e lhe traziam todo o respeito.

Muitos filósofos destacaram-se nos seus estudos com relação à pessoa humana, são os chamados filósofos personalistas, dentre eles destacamos Gabriel Marcel que no seu pensamento faz-nos imergir neste profundo e misterioso universo da pessoa, diz: "o Eu torna-se pessoa somente enquanto se empenha na ação e assume a responsabilidade dos próprios atos" (MARCEL, 1980, p.43).

"Sabemos que o homem é humano enquanto é vivo"(MONDIN, 2003, p.43) – *homo vivens* – portanto, ao longo da história vários foram os conceitos sobre a pessoa humana, um dos que se destacaram foi Severino Boécio, que na idade média afirmou que "a pessoa é um indivíduo subsistente numa natureza racional" , ou seja, "é a alma racional que nos diferencia de todos os seres vivos"(PESSINI, BARCHIFONTAINE, 2000. P. 68). São Tomás de Aquino seguindo Boécio, precisa que: todo indivíduo de natureza racional é pessoa.

Já no século XX a fenomenologia elabora um conceito mais evidente com Ortega y Gasset: "a pessoa sou eu e minhas relações" (PESSINI, BARCHIFONTAINE, 2000. P. 68), portanto, a personalidade do ser humano começa desde o seio materno, onde o embrião, o feto, estão não só em simbiose com a mãe mas com toda a família.

Logo após vem uma terceira noção da personalidade que vem das teorias da evolução, cada ser humano a ser concebido recapitula os passos da espécie ao longo dos milênios. "Nos primeiros estágios, o embrião humano, embora tenha todos os elementos genéticos do adulto, ainda é pessoa em potencial" (PESSINI, BARCHIFONTAINE, 2000. P. 68).

Ainda neste campo filosófico podemos observar o fundamento metafísico da dignidade humana que se encontra na própria natureza racional humana; perfeição perfectível da natureza humana. Perfeição perfectível é a que se realiza aperfeiçoando-se; é na auto-realização da perfeição que reside à nobreza e excelência humana;

> Nenhum outro ser corpóreo é capaz de auto-realizar-se aperfeiçoar-se tendo consciência e responsabilidade sobre os seus atos, a liberdade nasce da razão, se manifesta na vontade e se realiza na atuação. A liberdade é a capacidade que torna o homem senhor e responsável por sua ação (INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL, 2006, p. 153).

Agora numa postura mais legal podemos observar que, o artigo 4º de nossa constituição reza: "toda pessoa humana tem direito a que se respeite sua vida. Este direito está protegido pela lei e, em geral, a partir do momento da concepção" (BRASIL, 1988, p.13). No Brasil, a pessoa humana tem direito a vida desde a sua concepção. E quando a pessoa humana é concebida? O ser humano é concebido a partir do momento em que um espermatozóide une-se a um óvulo. É nesta junção de um gameta masculino e um gameta

BIBLIOTECA
13116 14/10/19

feminino que se forma a vida humana. Portanto, não se pode violar de maneira alguma e em nenhum momento a vida de um ser humano.

No Brasil, ao violar o direito a vida humana, a pessoa passa a infringir a constituição que diz no artigo 5º:

> todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros, residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade nos termos seguintes: estando, portanto, a inviolabilidade do direito à vida como primeiro de todos os direitos (BRASIL, 1988, p.13).

No próximo tópico desse texto veremos situações de total desrespeito a vida humana que são contrárias às leis, aos parâmetros éticos e a tantas outras formas argumentativas que foram demonstradas neste capítulo. São grandes os desafios para a bioética.

4 - BIOÉTICA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

A bioética busca ajudar a ciência quando esta ultrapassa a "barreira" ética nos casos que dizem respeito à vida, com especial atenção à vida humana. Neste novo capítulo comentaremos sobre alguns desafios da bioética que abrangem o homem no seu nascer e morrer – são estes: aborto e eutanásia.

4.1 Aborto - o valor da vida nascente

Dentre muitos assuntos tratados na bioética este é o que mais se tem escrito, debatido e realizado congressos científicos. Mas isso não significa que nos últimos anos algum consenso moral foi criado ou que ouve algum avanço para este problema na sociedade.

Conceitua-se aborto como a expulsão ou extração de toda e qualquer parte da placenta ou das membranas, sem um feto identificável, ou com um recém-nascido vivo ou morto que pese menos de quinhentos gramas. "Na ausência de conhecimento do peso uma estimativa da duração da gestação de menos de vinte semanas completas, contando desde o primeiro dia do último período menstrual normal, pode ser utilizada"(PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.234).

A problemática do aborto torna-se moral e ética devido às posições da ciência, das religiões e de muitos estudiosos neste campo. Para quem é simpatizante da prática do aborto ou mesmo já o praticou, as exclamações mais freqüentes são: "o corpo é meu, eu faço o que quero"; "não estou matando ninguém, pois isto ainda não é vida humana"; "foi um descuido na hora do sexo, não tinha esse desejo"; "não posso ter filho agora, ainda sou muito jovem"; "não quero ser mãe solteira"; "não tenho condições financeiras de manter um filho". Estas e tantas outras são as respostas mais freqüentes dadas a um entrevistador que interroga: Por quê você abortou? Podemos analisar estas respostas como simples justificativa que engana a si próprio livrando-a assim de um peso de consciência talvez insuperável.

Agora, para melhor entendermos os tipos de aborto os médicos classificam-nos em basicamente quatro grandes tipos de situação. Para falarmos sobre isso, usaremos uma

terminologia técnica pois a tipologia a seguir foi elaborada pelo "conselho federal de medicina"(CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1998, p.127). São elas:

1. **Interrupção Eugênica da Gestação (IGE)**

São os casos de aborto praticados em favor de causas eugênicas, ou seja, quando se interrompe a gravidez por motivos racistas, sexistas, étnicos, etc.

Esses abortos podem ocorrer por vontade da gestante por não querer um filho de uma determinada raça ou etnia podendo também a gestante ser obrigada a abortar, como por exemplo, as judias, ciganas, etc. no período nazista para evitar a expansão destas raças.

Mas nenhuma gestante tem direito de tirar a vida de um feto por ele ser de uma determinada raça ou etnia, nenhuma mãe pode querer que o seu filho nasça com características que a satisfaça, devemos saber que o bebê esperado não é como os bonecos comprados em lojas de brinquedo, em que você escolhe o mais bonito e o leva pra casa, tal atitude é feita com objetos e não com seres humanos; o feto é vida e tem sua dignidade.

Este caso pode ser, "*mutatis mutandis*", equiparado ao idealismo aristotélico que tinha como uma das causas da felicidade a beleza corpórea. Na sua famosa obra *Ética a Nicômaco* o filósofo estagirita chega a afirmar que "a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores (...) o homem de muito má aparência, ou mal-nascido, ou solitário e sem filhos não tem muitas probabilidades de ser feliz (...)" (ARISTÓTELES, 2003, p.30), isto mostra que já na Grécia antiga a vaidade era exaltada e que hoje pode ser encontrada em mães que desejam que seus filhos nasçam com uma aparência que seja do seu agrado. Mas o feto – que tem vida – não pode ser violado simplesmente por questões estéticas que favoreçam o ideal querido pela mãe.

2. **Interrupção Terapêutica da Gestação (ITG)**

Acontece quando a gestante corre risco de vida devido à gravidez (chamada gravidez de risco) o médico que acompanha a gestante a aconselha a fazer o aborto pois durante o parto a gestante pode vir a morrer.

Com o avanço da tecnologia a ITG tem um número muito reduzido. Porém não se pode interromper a vida de um feto porque a da gestante corre risco de vida. Na nossa lei natural não existe hierarquização da vida, todas as vidas devem ser tratadas de maneira

igualitária. A vida da gestante não é mais importante que a vida do feto, podemos entender o lado emocional pois a gestante, por ter já alguns anos de vida, possui uma convivência social com familiares e amigos a qual o bebê é desprovido pois este só possui relação com a mãe. "È muita insensibilidade o fato de que a criança não está sendo levada em consideração. A única consideração é dada à mãe, a sua saúde e a sua comodidade" (POWELL, 2006, p.122).

3. **Interrupção Seletiva da Gestação (ISG)**

São os casos de aborto ocorridos em nome de anomalias fetais, isto é, situações em que se interrompe a gestação pela constatação de lesões no feto. Um exemplo para este tipo de aborto são os bebês anencéfalos – logo que nascem não resistem a muito tempo de vida.

"Não se pode permitir o aborto de anencéfalos pois este feto não está morto como muitos pensam. A anencefalia não significa morte cerebral" (LEÃO, 2005, p.21). Para ser declarada a morte cerebral em uma pessoa, mesmo quando a mesma está sendo mantida por aparelhos, é preciso que haja a paralisação de todas as funções cerebrais inclusive do tronco encefálico. "Na criança anencéfala enquanto estiver respirando e seu coração bater sem a ajuda de aparelhos, ela está viva, com o tronco cerebral funcionando" (CERQUEIRA, 2005, p.20).

Se esta criatura vive, é um ser humano que não pode ser trucidado pelo aborto. Seríamos capazes de matar um pobre ancião, um acidentado que perdeu a capacidade de falar, de olhar, de comer, só porque aparentemente tenha uma vida vegetativa? Poderíamos matar uma criança débil mental, excepcional, sem cometer um assassinato? Por que esta pressa em suprimir uma vida, sem saber quanto tempo ela vai continuar existindo?

Outro fator importante é que, se há verdadeiramente amor este não discrimina: "Vou te amar apenas se você for perfeito. Não toleramos seres humanos imperfeitos que possam revelar um ônus" (POWELL, 2006, p.123). Ao contrário, o amor diz: "Vamos cuidar de você. Você é um de nós, um membro da nossa família. Nós sempre vamos amar você." (POWELL, 2006, p.123).

Imaginemos uma mulher que faz diagnóstico pré-natal com a intenção de abortar, caso o feto não seja saudável. Imaginemos que o feto esteja em ótimas condições de saúde e venha, portanto a nascer. Provavelmente, aquele filho, chegando aos 15 anos, ficará

sabendo que houve uma condição para ser acolhido: a condição de ser saudável. O cálculo da conveniência invadiu o espaço do acolhimento, até então incondicional. Imaginemos, agora, aquela mãe idosa e doente. Poderá ela esperar que o filho a acolha e cuide dela, agora já sem saúde, já que ela não tinha disponibilidade para com o filho, quando ele era bebê? "Pouco a pouco, cria-se uma mentalidade dominada pelo cálculo das conveniências, que se move no horizonte do mercado, reduzindo-se o espaço da gratuidade" (POWELL, 2006, p.123).

4. InterrupçãoVoluntária da Gestação (IVG)

Casos de aborto ocorridos em nome da autonomia reprodutiva da gestante ou do casal, ou seja, situações em que se interrompe a gestação porque a mulher ou o casal não mais deseja a gravidez, seja ela fruto de um estupro ou de uma relação consensual.

A vida do feto não pode ser colocada em risco por um desejo dos pais que agora já não possui o feto como parte dos seus planos, se existe vida esta deve ser respeitada e dignamente aceita principalmente pelos seus pais, devemos também colocar em jogo a autonomia do feto pois este tem vida e esta deve ser dignamente respeitada isso deve valer para todos os outros tipos de gravidez nas quais se apresenta como sendo a única solução o aborto.

Estes são os quatro tipos de aborto classificados pela medicina, porém, como já vimos, nenhum deles é eticamente correto.

Com estes breves comentários sobre os quatro tipos de práticas abortivas vimos que nenhuma delas justifica tal ato.

Agora, também é importante sabermos não só como são os tipos, mas também, como se pratica o aborto. Tais práticas são, na maioria das vezes, feitas no próprio domicilio e de maneira pessoal ou, entre as jovens, com a ajuda de uma amiga que assiste o ato e faz às vezes de conselheira. Outros abortos são realizados em clínicas clandestinas realizadas por médicos (as) ou enfermeiros (as) que cobram uma boa quantia em dinheiro para fazerem um aborto de um feto numa idade que na maioria das vezes, já compromete a vida da gestante.

Veremos agora, as maneiras mais absurdas encontradas pelo homem contemporâneo para se assassinar uma vida que lhe é indesejada.

Para conseguir a expulsão prematura e conseqüentemente a morte do feto costumam-se usar vários métodos que noutras circunstâncias se empregam também normalmente em ginecologia e obstetrícia. Os métodos mais utilizados são: pílulas abortivas, aspiração, raspagem, histeronomia (mini-cesariana), indução de contrações e injeção intra-amniótica. Sobre estes métodos comentaremo-los nos tópicos a seguir.

- Pílula abortiva – antes da sexta semana de vida da criança, tenciona-se conseguir que este preparado hormonal anule a função da placenta em formação, com o que se provoca a morte da criança, que é nesse momento um embrião necessitado de função nutritiva da placenta, por conseqüência vem a expulsão do feto. Se o resultado obtido não for o desejado se recorre a uma raspagem para consumar o aborto.
- Aborto por aspiração – dilata-se o colo uterino com um instrumento adequado para esta função, para que, através dele possa entrar um tubo ligado a um potente aspirador. A força da sucção arrasta o embrião e o resto do conteúdo uterino, todo desfeito em pequenos pedaços.
- O método da raspagem – raspagem ou legração, também chamada de "curetagem", é o método que se usa com mais freqüência. O processo é iniciado com uma dilatação do colo do útero, que só pode ser feita sob anestesia. Após esta dilatação introduz-se no útero uma espécie de lâmina curva cortante, chamada legra, que desfaz muito bem a placenta e destroça a criança atingindo-a por total. Este método costuma ser praticado quando a criança se encontra numa fase de três ou quatro meses de vida. Se a criança já superou as doze semanas, as dificuldades para este método se tornam maiores e tem que se triturar muito bem o corpo do feto para que este possa ser expulso. Por vezes, partes, como a cabeça, podem ficar no interior do útero da gestante, por isso, o abortador deve verificar com cuidado se todos os pedaços foram expulsos.
- Histeronomia ou mini-cesariana – cesariana é uma intervenção cirúrgica que se realiza no fim da gravidez e consiste na extração da criança através de uma incisão feita no abdômen da gestante, quando por qualquer motivo não for possível ocorrer o nascimento por via normal. Agora quando se

pratica uma cesariana, poucas semanas após a gravidez usa-se "mini-cesariana" e consiste em praticar um ato cirúrgico (incisão no abdômen) para extrair através dele a criança e a placenta. É um método usado a partir da décima quinta ou décima sexta semana de gravidez.

- Indução de contrações – causa a expulsão do feto e da placenta mediante a administração da gestante por diversos tipos de substâncias (prostaglandinas, oxitocinas) que geram na gestante, contrações semelhantes à dum parto, as quais provocam a dilatação do colo uterino, fazendo assim com que a bolsa em que está a criança desprenda-se das paredes do útero.
- Injeção intra-amniótica – injeta-se no líquido amniótico em que vive a criança, através do abdômen da gestante, uma solução salina hipertônica ou uma solução de uréia. Estas soluções irritantes hiperosmóticas provocam contrações parecidas as do parto. Depois de aplicada, o efeito da injeção aparece com um ou dois dias e só aí a criança é expulsa juntamente com a placenta. Esta substância irritante que é aplicada na gestante costuma envenenar o feto causando-lhe além do mais fortes queimaduras. Os abortadores preferem estas soluções pois tem a garantia de que o feto irá ser expulso sem vida, pois, segundo eles, seria desagradável ter que matar a criança ou deixá-la morrer a vista de todos.

Estas formas citadas são os tipos mais perversos de se matar uma vida indefesa, aliás, qualquer método é contra a bioética desde que esse tenha por fim aniquilar uma vida a qual consideramos sem a capacidade de responder por si, mas que tem uma dignidade inata a qual deve ser respeitada.

O aborto direto nunca é aceito, pois se trata de um verdadeiro homicídio de um inocente. Muitas mulheres (na sua maioria jovens), juntamente com seus namorados ou maridos (que nesta hora estão com os nervos "à flor da pele" por não quererem assumir a criança) se perguntam: por que não abortar ?

Agora, após ter visto os tipos de aborto, como se pratica e alguns comentários sobre este ato, poderíamos responder simplesmente: Não se deve abortar, pois abortar é sinônimo de matar e ao matar se comete um assassinato cruel e feito de maneira fria portanto o

abortador é um assassino e junto com ele a gestante, pois o que proporciona a diferença entre homicídio comum (por exemplo: assassinato de um adulto) e aborto é que este último é feito de maneira que o abortador não tem um contato direto, visual com a vítima inocente o que para ele parece como se estivesse fazendo um trabalho normal e sem conseqüências mortais.

Portanto os fatores éticos, morais e judiciais (na maioria dos pontos) impedem o indivíduo de praticar tal ato de desrespeito e covardia para com a vida de um ser que ainda não possui faculdades que o possibilitem responder por si mesmo.

Porém, devemos também não apenas apontar para o abortador e a gestante como culpados eternamente e que agora serão punidos devidamente pelo crime que cometeram, não é bem assim! Há também, nos dias atuais, uma influência muito grande da nossa sociedade com relação a isso, essa influência ocorre através das multinacionais, da política econômica ou do comércio internacional, um dos exemplos clássicos que podemos citar para apresentar melhor tal afirmação seria: que motivação tem um pai e mãe de família para receber com alegria um filho sabendo que estes dispõem apenas de um salário para a manutenção de toda a casa?

Vivemos numa sociedade antivida, uma sociedade abortista "a falta de solidariedade entre as pessoas é a maior causa desta mentalidade" (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.238).

Nessa sociedade, não é de estranhar que a visão do início de uma vida humana limite-se ao biológico, ao físico e "despreza-se elementos que são também integrantes e essenciais de um ser humano são eles: elementos sociais, psíquicos e espirituais" (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.238) que não são fatores menos importantes, são iguais.

O Congresso Nacional está com uma emenda para ser aprovada, é o projeto de lei nº 1.135/91 apresentado pela deputada Jandira Feghali que dá direito a legalização do aborto em nosso país, o projeto está para ser aprovado em 2008. Será que esta emenda deve realmente ser aprovada? Será que não aumentariam o número de gestantes com gravidez indesejada sabendo agora que livremente elas poderão abortar? Será que com uma futura aprovação desta ementa não aumentará o numero de abortos praticado por pessoas que desejam um filho perfeito e que descobrem num exame pré-natal que este não possuirá

características físicas que a satisfaçam? Alguns dizem que não porque tal lei irá beneficiar apenas abortos de anencéfalos, estupros ou que causam risco de vida para a gestante, porém existe um dito popular que diz: "Onde passa um boi, passa uma boiada" e é exatamente isso que ocorrerá, todo tipo de aborto será permitido e a irresponsabilidade sexual se agravará.

Também é muito contraditório um país que tem nos moldes de sua Constituição a defesa da vida a partir de sua concepção e vinte anos depois querer aprovar a aniquilação dos nascituros. Inclusive a comissão que analisa a questão esta sendo intitulada de *comissão da morte*.

Agora, numa visão religiosa-cristã podemos ver que a Igreja Católica já se pronunciou várias vezes com relação a este assunto e muitos fiéis desejam saber porque a igreja Católica não aprova o aborto quando uma parte da população e a câmara dos Deputados Federais acham correta essa prática. A igreja católica nunca aprovou o aborto e nunca aprovará simplesmente porque suas decisões são tomadas com bases nas verdades evangélicas e não numa significativa maioria. A Igreja Católica tem seus fundamentos nas sagradas escrituras, na sua tradição apostólica e no magistério. O "não" da Igreja é o "sim" à vida.

Continuando essa dimensão religiosa podemos nos perguntar: onde a Igreja Católica se fundamenta nas sagradas escrituras para ser contra o aborto? Um dos primeiros textos que poderíamos citar é o de Isaías 43,1: "Te chamei pelo nome, tu és meu" eis aí uma das passagens bíblicas que defende o direito a vida que é dom gratuito de Deus. Desde a eternidade somos escolhidos por Deus, somos chamados pelo próprio nome: "Antes de modelar-te no seio de tua mãe, antes de saíres do teu ventre, eu te conhecia; eu te consagrei; eu faço de ti um profeta para as nações" (Jr 1, 4 -5). No novo testamento assegura-nos São Paulo em sua carta aos Efésios: "Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo (...). Ele nos predestinou a ser para Ele filhos adotivos por Jesus Cristo, assim o quis a sua benevolência..." (Ef 1, 4 -5).

Já vimos até agora alguns pontos sobre o aborto com um olhar ético, médico e religioso, façamo-lo agora com um breve olhar judicial.

No terceiro capítulo deste trabalho nós já mostramos o que diz a Constituição Federal do Brasil sobre o direito a vida desde a sua concepção. Vamos apenas apresentar a legislação que no código penal no artigo 128 admite o aborto: "quando a vida da mãe está

em perigo ou em caso de estupro"(CÓDIGO PENAL BRASILEIRO). A nossa lei permite o aborto respectivamente nos tipos: ITG (Interrupção Terapêutica da Gestação) e IVG (Interrupção Voluntária da Gestação), nestes casos a nossa lei só é cumprida depois de uma investigação sobre a gestante e liminar de um juiz para usar-se do aborto.

Para a lei, "o aborto é sempre crime, apenas deixa de ser punido, "não se pune", quando for imperativo, para salvar a própria vida da gestante, não havendo outro meio para isto, ou quando a gravidez tiver sido resultada de estupro"(NETO, 1989, p.45).

É com essa problemática do aborto que surge a bioética, tal problemática ainda hoje não resolvida e nem consensuada. Neste tópico vimos o desrespeito para com a vida nascente, no próximo veremos o desrespeito para com a vida na sua fase final com a prática da eutanásia.

4.2 Eutanásia – o valor da vida humana na sua fase terminal

Sobre a eutanásia, iniciaremos por analisar o termo no seu significado próprio, no seu significado etimológico originário: "morte em paz sem dores conscientes (eu = bom, φανατοσ (thanatos) = morte)" (LEPARGNEUR, 1986, p.149). A palavra Eutanásia significou desde o início a ajuda oferecida a moribundos por parte do médico consciencioso e atento aos sofrimentos e angústias do enfermo.

O estoicismo aceitava que o sábio podia e devia aceitar sua própria morte quando a vida não tivesse mais sentido para ele. No entanto a eutanásia só encontrou seu significado comum com o filósofo moderno Bacon, que passou a indicar a Eutanásia como: "Modo de prestar atenção em como o moribundo pode deixar a vida mais fácil e silenciosamente" (PESSINI, 2004, p.104).

Para a problemática da eutanásia não existe nenhum consenso que tenha sido estabelecido, porém, adotamos aqui os preceitos do Magistério Eclesiástico Católico que são teorizados a partir de conceitos bíblico-cristãos que nos inspiram e nos convidam a respeitar a vida até o seu fim natural, para constatar tal afirmação podemos ler em Eclesiastes 3, 1-5: "Para tudo há um tempo debaixo dos céus, tempo para nascer e tempo para morrer; tempo para chorar e tempo para rir; tempo para falar e tempo para calar..."

No mundo contemporâneo vive-se o mundo dos prazeres, o prazer pelo prazer, o ter por ter, o poder pelo poder, é a deturpação dos ideais. Esses desejos nos afastam da dor e do incômodo que também são realidades de nossa condição humana, das quais não podemos nos furtar, ao contrário, devemos aprender com todos estes percalços, é o problema dessa sociedade que foge da dor, e muitas vezes, se favorece essa fuga através de muitos profissionais da saúde. Hoje, o paciente ao ser consultado pelo médico não é mais interrogado se sente dor numa determinada área do seu organismo mas se está incomodado com algo (Onde é o incômodo?).

Tal atentado contra a existência humana ainda é causa de debates que levaram um grande tempo para se chegar a algum lugar, "mas pela liberdade que cada país tem em criar e aprovar novas leis a Holanda e a Bélgica, tornaram-se em 2002 os primeiros países do mundo a oficializar juridicamente a eutanásia" (PESSINI, 2006, p.114).

A prática da eutanásia afeta o campo da liberdade humana. Até que ponto o outro tem direito(s)? O ser humano possui direitos toda a sua vida e outros indivíduos não devem tomar a decisão de invadir a sua liberdade. Será que a vontade que o médico tem de abreviar a vida de seu paciente é a mesma vontade de um paciente em estado de coma ou letargia. Não cabe a nenhum médico ou a própria família decidir sobre o futuro natural de um ser humano, e em casos de pacientes conscientes que pedem para morrer este paciente está querendo se suicidar! È justo deixar que isso aconteça? Para aprofundar sobre estas questões trataremos agora das ramificações da eutanásia que se divide em dois tipos.

Eutanásia ativa: trata-se de uma ação médica pelo qual se põe fim a vida de uma pessoa enferma, por um pedido do paciente ou sem o consentimento do mesmo, é também chamada de morte piedosa ou suicídio assistido.

Mas é licito alguém pedir para morrer porque não agüenta o sofrimento? O simples fato de pedir é licito, está dentro dos padrões da liberdade, porém não é licito matá-lo ou não fazer nada para que este sobreviva.

Outro ponto que podemos observar é que quando alguém pede para morrer, precisamos avaliar qual o verdadeiro motivo. Na base de várias solicitações de eutanásia, existem a solidão, abandono e falta de solidariedade. O que a pessoa realmente necessita é de melhor assistência, sedativos eficazes, tratamento personalizado, espiritualidade e mais ternura humana. Precisa-se fazer com que o paciente se sinta amado e não fazer com que

este se sinta um peso ou uma pessoa trabalhosa que agora vai mover toda a família incomodando a todos que, muitas vezes, irão deixar seus afazeres para cuidar dele, esse pensamento de que ele (o paciente) está sendo "pesado" para a família e para a equipe médica pode frustrá-lo e realmente fazer com que ele se sinta com vontade de desaparecer - morrer. Após seguir tais indicações pergunte depois a pessoa se ela ainda possui a vontade de abreviar sua própria vida, provavelmente, não!

Eutanásia passiva: não consiste uma ação médica mas, na omissão de uma terapia médica com a qual se poderia prolongar a vida de uma pessoa enferma.

Essa distinção, no entanto não parece ser a mais adequada para se abordar atualmente o problema da eutanásia, pois sob o aspecto da eutanásia negativa que pode dar impressão de ser lícita moralmente, em muitas situações como a de recém-nascidos portadores de anomalias físicas ou mentais, se deixa morrer sem aplicar medidas terapêuticas as quais se aplicariam se o bebê fosse normal. Será que alguém tem o direito de tirar a vida do outro? Seria uma forma de aliviar o sofrimento? Até que ponto é lícito sedar a dor, ainda que isso signifique abreviar a própria vida? No fundo essa discussão é pertinente ao que é mais próprio no ser humano: a vida.

Podemos, nos nossos dias, dividir, precisamente aquele grupo que soa a favor e os que são contra a eutanásia, já que neste caso não existe meio termo, ou se é ou não é. "Os que são contra se fundamentam por assim dizer" (PESSINI, 2004, p. 83):

- O princípio universal do respeito à vida, não pode ser nunca rejeitado,
- Respeitar sempre o caráter da dignidade humana.
- A pessoa que tem o desejo de acabar com tudo dependendo do alivio do sofrimento, não tem noção de qual será sua reação da iminência da morte,
- Os doentes podem, diante da dor dos seus manifestar um desejo que não é correspondente com o seu desejo mais profundo,
- O dever diagnóstico do médico é simplesmente prover cuidados.

De outro lado estão aqueles que são a favor de um "morrer com dignidade", que é um direito que deve ser reconhecido a quem pede, afirmam que apenas "adianta a morte já que esta é algo de inevitável" (PESSINI, 2004, p. 83):

- A pessoa sendo livre é o único juiz da sua qualidade de vida e de sua dignidade,
- Desde 1972 a tentativa de suicídio não é mais considerada crime na França e apesar disso a morte assistida é condenada pelo código penal, esse paradoxo deveria ser eliminado pela legalização da eutanásia,
- Embora ninguém possa tirar a vida de outrem, ninguém, tão pouco pode obrigar ninguém a viver,
- O direito de morrer com dignidade é um direito de uma pessoa consciente, que fala e tem o direito de ser ouvida.

Historicamente também podemos falar sobre a eutanásia. Na perspectiva de Diego Garcia podemos dividir a história da eutanásia em três formas: "a eutanásia ritualizada, medicalizada e a autônoma"(LEPARGNEUR, 1986, p.149), sobre os três tipos, comentaremos a seguir.

A Eutanásia ritualizada

Esta Eutanásia ritualizada, vem relembrar-nos de que a morte, além de um fato biológico e físico, é carregado de aspectos psicológicos, culturais, religiosos, misteriosos, e não só com a morte mas com todos os fatos marcantes da vida humana, a saber o matrimônio, nascimento, puberdade. Já na antiguidade se falava em Eutanásia, esta já existia na Grécia e em Roma. Platão e Aristóteles eram a favor dela ou do abandono á própria sorte dos recém-nascidos com anomalias ou mas formações, sancionando a prática existente em Esparta de jogar tais crianças nas rochas.

A Eutanásia Medicalizada

Refere-se á Eutanásia que conhecemos hoje em dia, ou seja, aquela que se da pelo concurso das mãos do médico, aquela que é autorizada pela família. Tem origem na Grécia aonde o conceito de ética e moral esta diretamente vinculado ao conceito de belo e são.

A Eutanásia Autônoma

Este terceiro tipo de eutanásia parece ser o mais apropriado para ser denominado atualmente, é aquele em que quem decide a hora da morte é o doente, a pessoa enferma é quem tem a liberdade de dizer se quer morrer ou não. Antes a morte estava nas mãos de outrem, agora o doente tem o direito de marcar e dizer a hora da morte. Agora o problema se reverte: o que nos preocupa diretamente não é se o estado tem ou não o direito de eliminar os enfermos e deficientes, mas se existe a possibilidade ética de dar resposta positiva a quem deseja morrer e se dispõe de ajuda para tanto.

Ainda nessa perspectiva histórica "a eutanásia passiva ou ativa, sempre existiu como uma prática usual e aceita por quase todas as civilizações em algum momento de sua história" (COSTA;DINIZ, 2001, p.157). Alguns exemplos encontrados são os esquimós canadenses que abandonavam os seus idosos no gelo até morrerem, os japoneses que utilizavam a colina da morte.

Já na atualidade, as pessoas que pedem para que sua vida seja abreviada é, além do sofrimento e da dor, porque vêem que seu fim já é iminente. Quando os indivíduos olham para si e vêem que a morte não tardará muito para vir, a vontade destas pessoas é que ela venha o mais depressa possível, mas é justamente neste ponto em que os profissionais médicos e a família do moribundo devem fazer um trabalho de conscientização do paciente para que este aceite o fato e possa obter uma morte natural que é o fim último do ser humano.

A nossa sociedade também influi nisto, é uma sociedade que tenta retirar a morte dos horizontes humanos, como se esta não existisse, o homem contemporâneo tem um desejo profundo de ser um eterno jovem ou de eternizar-se, para comprovar tal afirmação podemos observar que o número de cirurgias plásticas tem crescido consideravelmente nos últimos anos e tão quanto estas são as aplicações de *botox* ou uma lipoaspiração, estas aplicações são para pessoas bem remuneradas e quando percebem que tais "maquiagens" não mais escondem as marcas do tempo caem no abismo da depressão pois não aceitam o próprio corpo e anseiam a morte o quanto antes, fugindo assim, da realidade existencial do ser humano que deve ser aceita com total naturalidade.

O magistério Eclesiástico Católico, também já fez muitos discursos com relação a este problema e lançou a declaração do Vaticano sobre a eutanásia que diz em um de seus parágrafos:

> É necessário reafirmar com toda a firmeza que nada, nem pessoa alguma, pode autorizar a morte de um ser humano inocente seja feto ou embrião, criança ou adulto, velho, enfermo, incurável ou agonizante. Ninguém além disso, pode pedir esse gesto homicida para si ou para os outros confiados a sua responsabilidade, nem pode consenti-lo implicitamente (DECLARAÇÃO DO VATICANO SOBRE A EUTANÁSIA, 2000, p.299).

A encíclica do Papa João Paulo II *Evangelii Vitae* – Evangelho da Vida – 1995, "vê nessa prática um dos sintomas da cultura da morte e denuncia o crescimento de uma mentalidade que marginaliza as pessoas idosas, deficientes e vulneráveis. A partir de critérios de eficiência e produção, essas vidas são consideradas descartáveis"(PESSINI, 2006, p.114).

A doutrina católica afirmou muitas vezes o seu voto de repúdio a pratica da eutanásia, afinal todo indivíduo tem direito de morrer em paz e com dignidade.

A eutanásia já conseguiu sua aceitação em boa parte do mundo contemporâneo esta sociedade que não aceita o "ter trabalho", o esforço, a preocupação com deficientes, anciãos... as pessoas da atualidade são individualistas e desejam viver em paz o seu comodismo.

O Papa supracitado, na sua carta aos anciãos afirma que: "infelizmente para muitas pessoas, o conceito de eutanásia nestes anos perdeu aquele traço de horror, que suscita naturalmente nos espíritos sensíveis ao respeito pela vida" (JOÃO PAULO II, 1997, p.17). Este pronunciamento do romano pontífice lembra-nos que tenta-se acabar com o respeito a vida além de maquiar o verdadeiro sentido da palavra eutanásia que, outra coisa não é se não a provocação direta da morte.

Tratando ainda deste assunto polêmico, existem outros termos correlatos à eutanásia e que são bem conhecidos, os quais não poderiam deixar de ser elencados neste trabalho, são eles: mistanásia, distanásia e ortotanásia (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2000, p.315).

4.2.1 A Mistanásia

A Mistanásia é o termo, mas corretamente utilizado para denominar a chamada eutanásia social, que é a morte miserável, fora e antes de seu tempo. A mistanásia ocorre em:

- *Doentes e deficientes que não chegam a ser pacientes*: Devido à ausência ou a precariedade de serviços de atendimento médico, diante de uma sociedade que não consegue garantir a qualidade no atendimento médico, o enfermo de baixa renda econômica na fase avançada de sua doença se reserva ao tratamento em cortiços escuros, nas favelas ou debaixo de uma ponte. A política nazista de purificação racial em que as pessoas defeituosas ou indesejáveis foram eliminadas consiste em uma forma de mistanásia e que ainda persiste em certos grupos ou práticas da sociedade,mesmo que de modo velada.

- *Pacientes vítimas de erro médico*: Ocorre quando doentes conseguem ser admitidos como pacientes e tornam-se vitimas de erro medico. A mistanásia nesse sentido pode ocorrer por:

- Imperícia: Quando o médico deixa de diagnosticar em tempo uma doença, devido a sua desatualização o que acaba condenando o paciente a uma morte dolorosa e precoce.

- Imprudência: A mistanásia como resultado da imprudência pode ser apontado em vários casos, principalmente quando o médico é adepto da medicina curativa e não vê muito sentido em perder tempo com pessoas desenganadas, pode ocorrer o risco de prescrever tratamentos sem realizar exames no paciente, expondo o doente a risco de terapia paliativa, inadequada e sofrimento desnecessário.

- *Negligência:* Corresponde à omissão de socorro na relação médico-paciente, já estabelecida, ou pelo abandono, os casos de negligência podem ser frutos de desinteresse ou devido às condições de trabalho impostas a muitos profissionais em hospitais ou postos de saúde, com relação à carga horária e a remuneração baixa.

4.2.2 A Distanásia

Enquanto a Mistanásia e a eutanásia tem em comum o fato de provocarem a morte antes da hora, a distanásia tem como valor maior à proteção a vida, enquanto na eutanásia a preocupação maior é com a qualidade da vida que resta, na distanásia a tendência e de se firmar na quantidade de vida e de investir todos os recursos possíveis em prolongá-la ao máximo.

A Distanásia, "é caracterizada como encarniçamento terapêutico ou obstinação e futilidade terapêutica, é uma postura ligada especialmente aos paradigmas técnico-científico e comercial-empresarial da medicina" (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1998, p.187). O importante é prolongar ao máximo a duração da vida humana mesmo ferindo sua dignidade. A qualidade desta vida, se torna um princípio da difícil mediação para a ciência e a tecnologia, sendo que o objetivo da medicina não é apenas prolongar ao máximo a vida da pessoa, o alvo de atenção primordial é a saúde da pessoa e o critério para avaliar seus procedimentos, se vai beneficiá-la ou não.

4.2.3 Ortotanásia

A Ortotanásia é "a arte de bem morrer, que rejeita toda forma de morrer, que rejeita toda forma de mistanásia sem no entanto, cair nas ciladas da eutanásia nem da distanásia" (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1998, p.187). Na ortotanásia, a morte não é uma doença a curar, mas algo que faz parte da vida, o respeito pela autonomia do enfermo é a principal característica da ortotanásia. No geral a ortotanásia é morrer saudavelmente cercado de amor e de carinho, amando e sendo amado, enquanto se prepara para o mergulho final no amor, que não tem medida e que não tem fim.

Com isso encerramos o capítulo que trata da atual problemática da eutanásia um assunto complexo e que nenhum consenso foi criado para a resolução deste problema.

5- CONCLUSÃO

"É preciso reconhecer que nos encontramos diante de uma realidade nova (...)"

(Doc. 80 da CNBB – Evangelização e missão profética da Igreja)

Ao findar deste trabalho, podemos observar o quanto à vida humana esta sendo desrespeitada e desmerecida. Foi nos mostrado quais os meios que o ser humano usa ou dispõe para aniquilar uma vida indefesa e o mais importante, uma vida com uma dignidade que lhe é própria.

Exploramos e explicitamos o assunto de maneira clara e objetiva, mas tal assunto é de uma profundidade estupenda a qual não explanamos por completo. Exploramos o conceito de bioética vendo que esta disciplina é relativamente nova e que não busca outra coisa se não, o respeito para com tudo que possui vida e o respeito a mais preciosa vida: a vida humana. Vimos também a pessoa humana, este ser aberto, com sua essência, um ser de decisões e de respostas, não somos seres fechados "indivíduos", somos abertos seres de relações.

Analisando a problemática do aborto constatamos que grande parte deste ato praticado é fruto da imaturidade e do desejo de conforto que a sociedade contemporânea propõe as pessoas. Outro fator é o namoro precoce que desperta também uma vida sexual imatura aumentando as possibilidades de uma gravidez prematura e indesejada, portanto, o medo de passar da adolescência / juventude para ser mãe pode incentivar o aborto, porém nada justifica o ato de assassinar uma vida indefesa e que possui dignidade. E aqui aproveitamos para expor nossa indignação para com os abortadores, particularmente os que possuem clinicas clandestinas, pois é imoral, ilícito e um ato de profunda injustiça ganhar dinheiro através de homicídios de vidas indefesas.

Nesta nossa sociedade ainda precisa-se adotar a ética da alteridade proposta pelo filósofo Levinás que, o outro é a minha salvação e não o meu inferno como pensava Jean Paul Sartre; é preciso olhar o rosto do outro, este rosto diz: "não me mate, não me maltrate", esta é a ética da alteridade. Ética é também pensar no outro, é preciso descobrir o outro que, obviamente, é diferente de mim.

Com relação à eutanásia, observamos que uma parte considerável dos casos são feitos por conta da frieza e da falta de atenção ao paciente quando estes pedem para morrer.

È preciso fazer com que o paciente sinta-se amado e acolhido no meio de todos, tanto acolhido na família como na equipe médica, e talvez um dos fatores que viessem a diminuir os casos de eutanásia, quando o paciente deseja morrer, seria a humanização, principalmente, das Unidades de Terapia Intensiva (U.T.Is.). A morte faz parte do processo de vida do ser humano portanto deve ser deixada que venha de maneira natural, sem abreviações, afinal, quando uma mãe esta grávida, prestes a dar à luz, ela está envolta de dores porém não se abrevia o parto, espera-se o momento certo para que o bebê venha a nascer.

Essas práticas de atentado contra a vida humana estão se tornando cada vez mais comuns e entrando num processo de aceitação por uma parte da sociedade, isso se dá pela relativização do "certo" e do "errado" que é fruto de um pensamento niilista, próprio da sociedade pós-moderna. Para alguns, abortar e praticar a eutanásia é algo certo. Todavia, para outros é errado, isso quer dizer que, o "certo" e o "errado" estão dependendo de quem interpreta o fato e faz esta hermenêutica à mercê da sua vontade, por isso que ultimamente muito se tem falado na crise da verdade. É preciso fazer com que a verdade, que é a identidade de uma representação com a realidade representada, ou seja, é a conformidade do objeto com o intelecto (FERREIRA, 2001, p.707), tome seu lugar certo e seja separada do que é mentira e falsidade.

Neste presente texto vimos também que a bioética é exatamente essa força da ciência que vai tentar mostrar que o fato de abortar ou praticar a eutanásia são atos desrespeitosos para com a vida humana. Não podemos aceitar que estes atos sejam corretos para alguns e errados para outros. São errados em qualquer circunstância. Portanto merece reprovação qualquer conduta que venha a ofender a dignidade humana. Vemos que o ser humano busca insistentemente a cura para doenças graves e procura meios de prolongar a vida humana com qualidade. O magistério eclesiástico católico não é contra o progresso científico, mas não admite qualquer conduta que ofenda a dignidade humana.

Por isso é nosso papel não aceitar que o desrespeito à vida humana se torne comum na sociedade contemporânea.

Cada ser humano tem um direito inalienável à vida, cada vida humana tem realmente um valor sagrado, não há nenhuma vida que não mereça ser vivida!

Esperamos com isso ter atingido nossos objetivos apresentados na introdução desse trabalho e que o desenrolar deste texto tenha sido proveitoso para a reflexão da dignidade inerente à vida humana do nascer ao morrer.

6- BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia.* São Paulo: Editora mestre Jou, 1970

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica. Vol. I.* São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco.* São Paulo: Martin Claret,2003

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil.* Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

CASTANHO, Amaury. *Direitos Humanos: aspiração ou realidade.* São Paulo: Edições Loyola, 1973

CERQUEIRA, Elizabeth Kipman. *Vida o primeiro direito da cidadania.* Goiânia-GO: Editora bandeirante 2005.

CODIGO PENAL BRASILEIRO

CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios.* São Paulo: Paulinas, 2005.

CONGREGAÇÃO PARA A DOUTINA DA FÉ. *Instrução sobre o respeito a vida nascente e a dignidade da procriação.* São Paulo: Paulinas

CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. *Il rispetto della vita nascente e la dignitá della procreazione.* Milano: Edizioni paoline, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Iniciação a Bioética.* Brasília 1998

COSTA, Sérgio. DINIZ, Débora. *Bioética: Ensaios.* Brasília: Letras livres, 2001.

ÉTICA E GENÉTICA. Org. L.A. De Boni, G. Jacob, F. Salzano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

FEINGOLD, Josué. *A Genética Médica.* Trad. Constância Maria Egrejas Morel. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2001

GOUYON, P-H; LECOURT, D.; MEMMI, D.; THOMAS, J-P.; THOUVENIN, D. *A bioética de má fé?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. *A dignidade da vida humana e as biotecnologias.* Brasília: Edições CNBB, 2006.

JOÃO PAULO II. *Discurso aos participantes da 35ª assembléia da associação médica mundial*, 29 de outubro de 1983. AAS 76 (1984)

JOÃO PAULO II. *Carta aos anciãos.* São Paulo: Paulinas, 1997

LEPARGNEUR, Hubert. *Lugar atual da Morte: antropologia, medicina e religião.* São Paulo: Paulinas,1986

MONDIN, Batista. *O homem, quem é ele?: Elementos de Antropologia filosófica.* São Paulo: Paulus 1980. 11ª Edição, 2003

MORAES, Irany Novah. *Erro médico e a justiça.* São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

MOSER, Antônio. SOARES, André Marcelo M.. *Bioética, do Consenso ao Bom Senso.* Petrópolis: Vozes, 2006.

NEDEL, José. *Ética Aplicada- pontos e contrapontos.* São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

NETO, F. A. Gomes. *Código Penal Brasileiro. Comentado.* Vol 2. Brasiliense. São Paulo 1989

OLIVEIRA, Fátima.*Bioética uma face da cidadania.* São Paulo: Moderna, 1997

PESSINI, Léo. *Por que abreviar a vida?* São Paulo:Loyola em 2004

PESSINI, Léo. *Eutanásia: porque abreviar a vida? Coleção bioética em perspectiva.* São Paulo: Loyola, 2004

PESSINI, Léo. BARCHIFONTAINE, Christan *Fundamentos de Bioética.* São Paulo: Paulus, 1996

PESSINI, Léo. BARCHIFONTAINE, Christan. *Problemas atuais de bioética.* São Paulo:Edições Loyola 2000.

PESSINI, Léo. *Bioética: Um grito por dignidade de viver.* São Paulo:Paulinas, 2006.

PONTIFÌCIO CONSELHO JUSTIÇA PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja.* Tradução CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005

POSIÇÃO DA IGREJA PERANTE O ABORTO. Vários Autores. São Paulo 1993

POWELL, John. *Aborto: holocausto silencioso.* São Paulo: Edições Loyola, 2006

VALLS, Álvaro L. M.. *Da ética a Bioética..Petrópolis – Rj: Vozes 2004*

- Para as referências bibliográficas nos serviu de apoio a Bibliografia à seguir:

COSTA, Antônio Fernando Gomes da. *Guia para elaboração de monografias.* Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

PESCUMA, Derna. CASTILHO, Antônio Paulo F. de. *Referências Bibliográficas.* São Paulo: Editora Olho d'água, 2003.

7- ANEXOS

7.1 – Direitos Humanos

Nesta primeira parte desses anexos apresentamos alguns artigos da declaração universal dos direitos humanos, estes direitos também ajudam a bioética a discernir sobre o cuidado para com a vida humana pois também defende o homem do nascer ao morrer.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

(Alguns artigos)

ARTIGO I – Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

ARTIGO II – Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta declaração, sem distinção de raça, cor, sexo, língua ou religião.

ARTIGOIII – Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal

ARTIGO VI – Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana perante a lei.

ARTIGO XXVII – Todo homem tem direito a participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.

ARTIGO XXX – Nenhuma disposição da presente declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer direitos e liberdades aqui estabelecidos.

7.2- Aborto

Nesta segunda parte dos anexos mostraremos algumas formas de aborto, já citadas no capítulo que trata desse assunto, agora mostraremos uma recente reportagem sobre o desrespeito para com a vida humana e algumas imagens de fetos aniquilados pelo aborto.

O Jornal Meio Norte é um dos principais no que diz respeito a informações do Estado do Piauí. No dia 24 (vinte e quatro) de maio de 2006 (dois mil e seis), o dito jornal publicou na página policial do seu caderno principal uma notícia de que dois fetos foram encontrados numa plantação de pimenta em Teresina, veremos esta reportagem na íntegra para mostrarmos o freqüente desrespeito a vida humana nascente:

Teresina, 24 de maio de 2006 (Quarta-feira)

Polícia encontra dois fetos em plantação de pimenta no satélite

"Dois fetos de aproximadamente cinco meses de vida, sendo um do sexo masculino e outro feminino, foram localizados ontem por policiais do 11° Distrito Policial, às 8h, no Clube do Dentista, em meio a uma plantação de pimenta, no bairro Satélite, na zona Leste de Teresina.

A denúncia sobre a localização dos fetos partiu, segundo o delegado Carlos Jorge, o Jorginho, de um telefonema anônimo. Os fetos estavam enrolados em jornais e de acordo com a polícia, foram abandonados no local. A polícia ainda não tem pistas de quem teria deixado os bebês na plantação de pimenta.

"Nós vamos procurar conversar com os profissionais de saúde e investigar principalmente no Hospital do Satélite, para saber mais informações sobre o caso, e chegar à autoria do aborto", diz o delegado Jorginho, acrescentando que se for encontrada a mãe dos bebês, ela será indicada dentro da lei".

Adiante observamos a cópia do jornal meio norte do qual esta reportagem foi extraída

MEIO NORTE
COORDENADOR: GILSON A ROCHA - policia@meionorte.com
Polí
QUARTA

BEBÊS | A denúncia sobre a localização dos fetos partiu de um telefonema anônimo

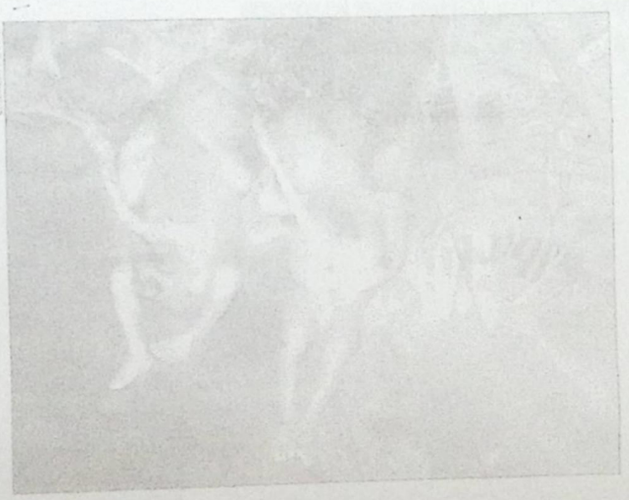
Polícia encontra dois fetos em plantação de pimenta no Satélite

Lindalva Miranda
EDITORIA DE POLÍCIA

Dois fetos de aproximadamente cinco meses de vida, sendo um do sexo masculino e outro feminino, foram localizados ontem por policiais do 11º Distrito Policial, às 8h, no Clube do Dentista, em meio a uma plantação de pimenta, no bairro Satélite, na zona Leste de Teresina.

A denúncia sobre a localização dos fetos partiu, segundo o delegado Carlos Jorge, o Jorginho, de um telefonema anônimo. Os fetos estavam enrolados em jornais e de acordo com a polícia, foram abandonados no local. A polícia ainda não tem pistas de quem teria deixado os bebês na plantação de pimenta.

"Nós vamos procurar conversar com os profissionais de saúde e investigar, principalmente no Hospital do Satélite, para saber mais informações sobre o caso, e chegar à autoria do aborto", diz o delegado Jorginho, acrescentando que se for encontrada a mãe dos bebês, ela será indiciada dentro da lei.

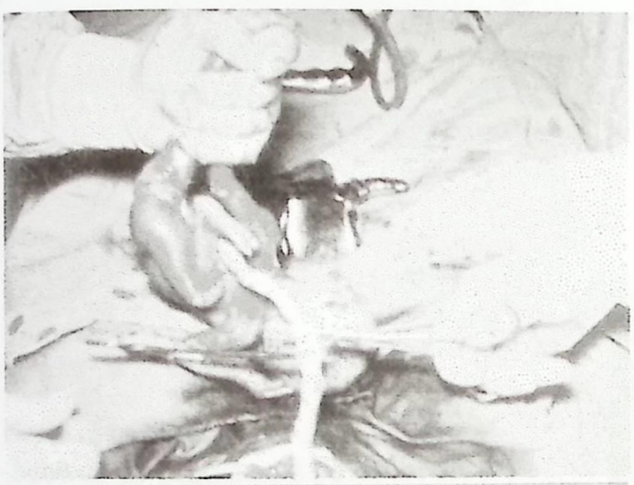


GÊMEOS
Fetos de um menino e uma menina foram cobertos com jornais

BUSCAS
A polícia ainda não tem pistas de quem teria deixado os bebês na plantação de pimenta, mas as investigações continuam

Ao falarmos de aborto, mostramos alguns dos principais meios utilizados pelos abortadores para a aniquilação de uma vida indefesa. Logo abaixo o leitor poderá ver os resultados desta prática.

Advertência: as imagens que se seguem são fotografias reais, desenhos de abortos provocados e podem ser chocantes para a sua sensibilidade.



.: Aborto por operação cesariana.

Esta bebezinha de 24 semanas foi arrancada do ventre materno mediante uma operação cesariana. É o mesmo procedimento que se emprega nos partos por cesariana, só que neste caso se deixa morrer a criança.



.: Aborto por envenenamento salino

Este bebê de 19 semanas morreu envenenado e queimado por uma solução salina altamente concentrada introduzida no líquido amniótico da mãe.

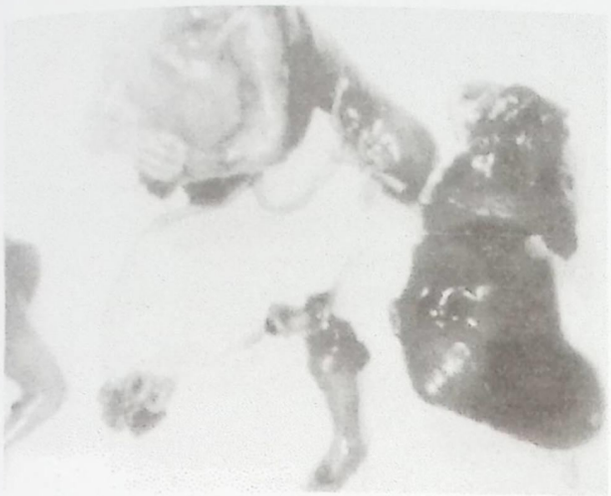


.: Abortos por sucção.

Este bebê de 8 semanas foi assassinado mediante uma potente aspiradora que o destroçou completamente.

Neste outro aborto por sucção de um bebê de 10 semanas, é possível ver nitidamente seus pequenos membros destroçados logo após passar pelo tubo da aspiradora.



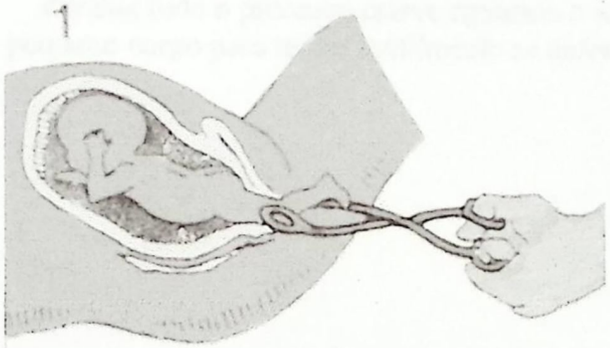


.: Aborto por dilatação e curetagem.

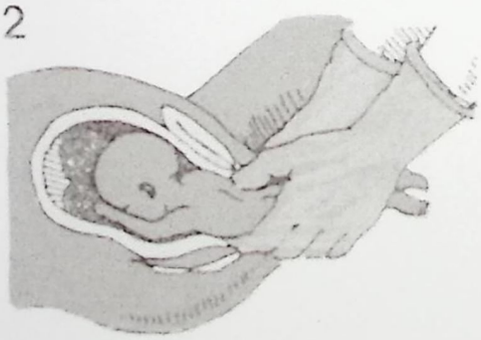
Este bebê foi destroçado com uma faca afiada e curva (cureta) enquanto se encontrava no ventre materno. A enfermeira deve juntar as partes do bebê para ter a certeza de que foi totalmente extraído.

Quando os pés do bebê estão fora do útero, o abortista o agarra com as suas mãos e o puxa, como sê se trata-se de um parto natural, mas assegurando-se de que saia pelos pés.

1

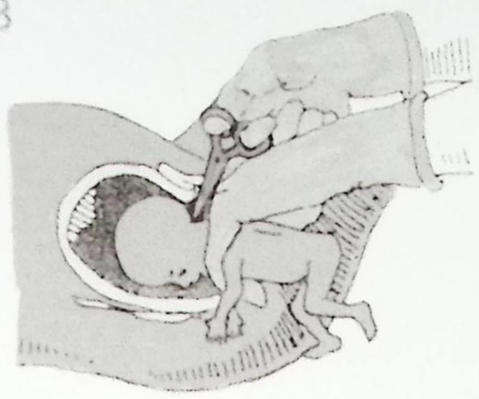


2



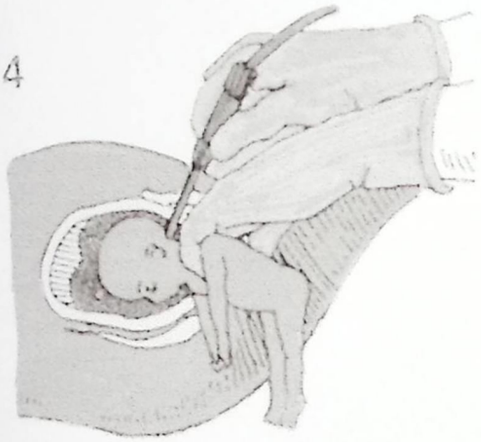
Quando o bebê têm o corpo fora, mas a sua cabeça ainda está dentro do ventre materno, o abortista atravessa a sua nuca com umas tesouras.

3



Quando o bebê têm o corpo fora, mas a sua cabeça ainda está dentro do ventre materno, o abortista atravessa a sua nuca com umas tesouras.

4



O crime culmina quando o abortista, mediante uma sonda, succiona a massa encefálica do bebê, que durante todo o processo esteve agitando o seu pequeno corpo para tentar inutilmente se defender.